

25 de julho de 2024

nº5

ano 3

Tatuí - SP

JORNAL

BULLI

20

FESTIVAL
ESTUDANTIL
DE TEATRO
DO ESTADO
DE SÃO PAULO

tatuí conservatório
de música e teatro

FETESP





NO FRESCOR DA HORA

5

SOBRE GESTOS E PALAVRAS E ÁGUA NA BOCA

SORAYA MARTINS

10

**DE CADA UMA QUE DEIXA O CABARÉ, LÁ FORA
A LUZ DO DIA [NÃO] FERRE OS OLHOS**

SORAYA MARTINS

15

**A MORTE É UM TRUQUE ESPERANDO OUTRA
FORMA DE RENASCER**

RAFA BREVES



APRECIAÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

21

LITÍGIO: SINTONIZAR OURO VIVO FM OU MUUU

ANA JULIA DOS SANTOS

25

TENHO EM MIM OS AMORES DO MUNDO

LUCAS ROSÁRIO

CHARGES

30

RASTEIRA

KAIÃO

31

ELA É OYÁ

KAIÃO

32

VACA

TADEU RENATO

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

33

AMOR À PROVA

NATALY REIS



36

**QUANDO O TEMPO PARA DE CONTAR E
COMEÇA A DIZER**

RICA DE RICARDO

40

**DIÁLOGOS E DEVANEIOS: UMA MANHÃ NO
FETESP**

CESAR SANTOS

AINDA REVERBERA

43

CÁRCERE, MULHERES E BÚFALAS

VINÍCIUS PEIXOTO

BASTIDORES, POR CAMILA FONTENELE

46

A VACA VIROU UM RÁDIO

47

MORTE MORRE MORTO MATA

EXPEDIENTE

48





SOBRE GESTOS E PALAVRAS E ÁGUA NA BOCA

POR SORAYA MARTINS

apreciação do espetáculo A vaca virou rádio, a partir do painel conduzido por Thaís Póvoa – VQV e Valéria Rocha – Conservatório de Tatuí

A Companhia de Teatro do Conservatório de Tatuí desembarcou no 29º FETESP com a abertura de processo do espetáculo *A vaca virou rádio*, cuja estreia está marcada para o próximo dia 17 de agosto. Dirigida pelo Coletivo CÊ, a Cia de Teatro traz para o palco uma peça cheia de delícias, alegrias e cores.

Antes de adentrar no espetáculo, quero pontuar algumas bonitezas:

[Parêntese 1]

O Coletivo Cê é formado por artistas egressos do Conservatório. Lá em 2000, esse mesmo elenco, que hoje dirige, estreava na magia do teatro, participava pela primeira vez do FETESP. Olhar a trajetória desse grupo que tem 15 anos de resistência e criação, no agora, é entender que o teatro é um ofício, um labor que tem que ser germinado com e no tempo, na dedicação e na constante busca por fabulações. Saber hoje da história do Cê, sua relação com o Conservatório e o festival, é ver com cintilância a tessitura de pontes entre o passado, o presente e o futuro.

[Parênteses 2]

Ah! Outra belezura. Da ordem do fomento à arte. Todos os integrantes da Cia de Teatro são bolsistas, ou seja, recebem uma quantia mensal para estudar e produzir teatro com dignidade, integridade e inventividade. O Teatro entendido como ofício, labor germinado com qualidade e no tempo, construindo pontes do presente-futuro para, quem sabe, voltar, assim como o Coletivo Cê, no passado e ressignificá-lo com outros brilhos.

Teatro deveria ser um direito inalienável!

Volto à peça: com delícias, alegrias, cores e música, o primeiro ato mostrado ao público de *A vaca virou rádio*, conta a história de uma família que teve seu cotidiano modificado a partir das relações experimentadas com o rádio. Como forma de dar a ver essa experiência, a Cia de Teatro lança mão de uma linguagem estética que funde gestualidades e mo-

vimentos, de um lado; de outro, a palavra. O palco é dividido em dois ambientes que se integram e se retroalimentam: a casa da família, povoada de gestualidades, movimentos e expressões faciais que resplandece as retinas de quem vê; e a rádio, com suas músicas, palavras e sons de encantaria, mostrando que “coisa mais bela nesse mundo não existe, do que ouvir um galo triste no sertão que faz luar”. Nesse jogo de relação, a cada mudança de estação de rádio, nos é narrada, por meio de uma dramaturgia da gestualidade, tanto as transformações nos corpos de todos os integrantes da família, quanto o que acontece no âmbito histórico-comportamental em que a peça se situa. Ou seja, o rádio é o lugar que oferece sonhos e a possibilidade de recriar os modos de sentir, agir e se relacionar com o mundo do pai, da mãe, da vó, da filha maior, do filho menor, além de contextualizar as personagens no tempo-espaço.

Em cena, também nos é apresentado as personagens da rádio, que oferecem sonhos à família. Misturando humor e música, a Cia de Teatro usa a metalinguagem, a rádio que performa a própria rádio, para dar mais sabor e cor à forma criativa de contar e cantar a experiência da família.

Como não foi apresentado todo o espetáculo, utilizando a estratégia das radionovelas de sempre deixar um desejo de quero mais, A vaca que virou rádio seduz o público, numa espécie de água na boca para o dia 17 de agosto. Merda!



FOTOGRAFIA POR CAMILA FONTENELE



**DE CADA UMA
QUE DEIXA O
CABARÉ, LÁ FORA
A LUZ DO DIA
[NÃO] FERRE OS
OLHOS**

POR SORAYA MARTINS

*apreciação do espetáculo Pavilhão
Cabaré, a partir do painel conduzido
por Lígia Helena – VQV e João Fabbro –
Conservatório de Tatuí.*

Respeito muito minhas lágrimas
Mas ainda mais minha risada
Inscrevo assim minhas palavras
Na voz de uma mulher sagrada¹.

Como lançar mão da estética do cabaré, uma forma de entretenimento teatral com música, dança, humor e tantas outras formas de artes da cena, para falar de um assunto pesado, que é a dor de mulheres presas e longe de seus filhos? O espetáculo Pavilhão Cabaré, do Grupo Impostura, da Universidade Estadual de Campinas, propõe fazer exatamente o link desses dois espaços, aparentemente antagônicos.

A dramédia musical feita por atrizes, atores e uma banda, narra a fuga de 50 mulheres do pavilhão 5 da penitenciária feminina, em um dia de jogo da seleção brasileira, na Copa do Mundo da África. A partir da mirada de Rose, uma encarcerada que não quer que outras mulheres passem pela dor da ausência de seus filhos, conhecemos as histórias de algumas mulheres por meio dos crimes que cometeram.

Todas as histórias performatizadas são tecidas através de músicas e paródias e muito humor, utilizados como princípios fundantes de composição das putas-detentas. Todas donas de divinas tetas, derramando o leite bom na nossa cara e o leite mau na cara dos caretas.

Nessa toada, conhecemos, por exemplo, a história de Telma. Ela nos canta o motivo de estar presa, imbricando Tim Maia e Alcione.

É engraçado, às vezes, a gente sente, fica pensando que está sendo amada, que está amando...em cima disso, a gente constrói os nossos sonhos, os nossos castelos e cria um mundo de encanto....até o homem que a gente ama vacila e põe tudo a perder.

*Telma fez tudo para dar prazer,
mas ele pisou na bola.*




*Não sabendo que debaixo da pele de gata,
Ela escondia uma loba.*

E conhecemos, também, a história de Neusa Sueli (numa intertextualidade direta com *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos), por meio da paródia da música *Maria da Vila Matilde*, composição de Douglas Germano, consagrada na voz de Elza Soares, e hino de muitas mulheres, no que diz respeito à luta contra violência doméstica. Tanto a paródia, quanto a letra original tratam da reação de uma mulher diante da rotina de abusos feitos pelo seu companheiro. E, assim, seguimos, sabendo através da palavra cantada, de Nora e Rose.

Tudo em *Cabaré* é um pavilhão musical, irônico e da ordem do grotesco, intentando performar a alegria, mesmo na dor ou, sobretudo, por causa dela. Como próprio de um cabaré, a mistura de gêneros, linguagens, o jogo de intertextos e contextos, faz do espetáculo um show à parte na sua potência de criação-crítica e fabulação-política, visto que ao falar da dor de mulheres “carentes de suas crias que foram tomadas pelo sistema”, *Pavilhão Cabaré* critica, criativamente, o sistema carcerário que tolhe direitos e desumaniza mulheres e os filhos dessas mulheres.







A MORTE É UM TRUQUE ESPERANDO OUTRA FORMA DE RENASCER

POR RAFA BREVES

*apreciação do espetáculo Morte Morre
Morto Mata, a partir do painel conduzido
por Thaís Póvoa – VQV e Valéria Rocha –
Conservatório de Tatuí.*

Tatuí é território indígena, assim como cada palmo do território brasileiro.

A palavra "Tatuí" é de origem tupi e significa "rio dos tatus", através da junção dos termos tatu ("tatu") e 'y ("água, rio"). Para chegar na sua forma atual, o vocábulo nasceu "Tatuhuvú", passou para "Tatuhú", "Tatuhibi", "Tatuhy" e, finalmente, "Tatuí".

E foi nessa terra indígena que no quinto dia do 29º FETESP tivemos a oportunidade de conhecer Cobra Canoa, que nesse espetáculo apresentou o mito de morte do povo Amuesha, da Amazônia sub-andina. No mito, uma mulher perde seu marido de forma violenta e atravessa o caminho dos mortos para reencontrá-lo.

Para contar essa história, os alunos da ECA (Escola de Comunicação e Artes) da USP (Universidade de São Paulo) recorreram a diversos artifícios para dar concretude a dois universos que, no decorrer da peça *Morte Morre Morto Mata*, se fundem.

Na primeira parte da encenação, os atores e atrizes apresentam ao público suas principais escolhas estéticas. Galhos pendurados no teto, figurinos na mesma paleta de cores, luzes em tons de verde. Fomos transportados para uma floresta.

Com dramaturgia falada vindo em poucos momentos, percebi que o trunfo dessa encenação era o vigor físico e a construção de imagens corporais, pois já nos primeiros minutos nos foi apresentada a materialidade da Cobra Coral, que em um jogo de “preencha a lacuna com seu corpo”, traz à cena uma grande serpente que nunca termina, pois o último será o primeiro e assim continuamente.

Uma linguagem que rompeu com os corpos humanos (que eu, inclusive gostaria de ter visto mais em cena) foi a manipulação de bonecos. Um elemento precioso, que sem qualquer traço caricato, apenas com seu corpo em cor neutra, tinha comandos nos braços, pernas e cabeça, tendo seu movimento orientado por muitas mãos, assim como *Morte Morre Morto Mata*, que teve sua direção coletiva, feita

com muito desejo pelos seus intérpretes-criadores.

Após uma trilha sonora auxiliar a plateia a materializar esse mito indígena, somos retirados desse estado onírico por uma cisão sonora, que explode em uma troca de figurinos e em movimentos mais rígidos. Agora estamos na cidade, mais especificamente na Cidade Universitária da USP. São tempos de greve.

O ano era 2023 e a greve de estudantes interrompeu aulas e atividades acadêmicas por mais de um mês em diversos institutos, tendo como principal demanda a contratação de professores.

Mas o que isso tem a ver com o mito de morte do povo Amuesha?

Essa foi a pergunta que essa turma de alunos se fez após ter seu trabalho criativo interrompido por essa paralisação e, quando as atividades voltaram à normalidade, todos já tinham sido atravessados pela greve e por tudo que viveram nela. Eles não eram mais os mesmos, então resolveram sobrepor, impor, fundir.

Por isso a greve aparece no palco em uma narração, aos moldes do teatro épico, que faz com que a plateia, em determinado momento, esteja forçando a grade junto com a atriz, pois seu texto deu visibilidade para aquilo que estava apenas na concretude da palavra.

Assim, com estandarte, pandeiro, alfaia, uma celebração se fez necessária para recomeçar. Afinal, tanto às margens do Rio Pinheiros, como em território amazônico, sempre é preciso renascer.

NO FRESCOR DA HORA

E o teatro, com a sua capacidade de reinvenção, tem o poder de dar conta de uma cosmovisão ancestral, mas também dos anseios da luta por direitos na atualidade. É essa arte que nos preenche e expande nossas perspectivas nesse território chamado palco.

FOTOGRAFIA POR CAMILA FONTENELE







LITÍGIO: SINTONIZAR OURO VIVO FM OU MUUU

POR ANA JÚLIA GONÇALVES

*bolsista estagiária de apreciação crítica
para o espetáculo A vaca virou um rádio.*

Barulho de sino de igreja, uma corda e a vaca que eu nunca nem vi, mas esteve tão presente quanto o rádio, objeto que tensiona as relações da cena. O "problema" da imaginação é esse: às vezes vamos pensando e criando afeto por algo que nem existe. Eu fiquei assim quando a Mimosa,

na sua mais longe concretude, foi embora e, no seu lugar, chegou o rádio. Mimosa é a vaquinha, eu que coloquei o nome.

Rádios não comem pasto, não fazem cocô por aí, mas também não dão leite. Nesse único lugar existente para ser preenchido nessa família, por que você, personagem Pai, escolheu, sozinho, ficar com o rádio?

Às vezes é preciso ter a “bença” dos co-criadores do espaço que você também vive para estarem em mesma sintonia, assim como faz o Menino caçula que se abaixa e estende as mãos para a avó. Assim como a mãe presenteia e veste meticulosamente a Menina, sua filha, com uma saia. Todos na mesma frequência e querendo o mesmo. Então, por que, Pai, optou por algo que nem ao menos pertencia à sua rotina, nem era afetado ao longo da peça? Talvez nem tenha curiosidade em saber quem são as cantoras da rádio.

Rádio e família. Entre esses dois núcleos, um deles fala mais alto. Literalmente, pois a família não utiliza da fala e sim das gestualidades, lúdicas e miméticas para narrar as aventuras do caçula, o sonho de ser cantora da Menina, a mudança de consciência da mãe, os vícios da avó e as más escolhas do marido. Ambos na mesma programação, porém em horários diferentes, o núcleo da rádio se instalava do lado direito do palco, com roupas elegantes que só encontramos com uma máquina do tempo direto para a década de 40.

Ou seja, cada ouvinte com sua particularidade. Mas será que quem ouve também imagina as individualidades de cada locutor? Quais corpos são donos de cada voz? Quais corpos não podem ter vozes? Quais corpos são interrompidas? Talvez a família não imagine mesmo que a *Rádio Ouro Vivo Fm*, com aqueles

efeitos sonoros profissionais feito com papel amassando, seguidos da água derramada no copo e ainda engolida no maior *glub-glub-glub*, tenha aparência de moderno com uma pitada de solução para a solidão do ouvinte; mas na verdade seja o equipamento mais obsoleto e repressor para se adquirir nas lojas “Reflexão”. Aí que é legal.

“Quem quer a maria-mole do palhaço Biribinha?” Disse o personagem pulando e gesticulando com o doce esticado na rádio. Aí que é legal observar o público. Se observar acima de tudo. Nesses momentos a peça permite um silêncio interior: quais dos tensionamentos serão utilizados para uma mudança de atitude e quais serão somente um princípio para o *ha-ha-ha*? Depois do riso sempre vem o silêncio. Minha mãe sempre fala que silêncio é ouro. *Ouro Vivo Fm*. Esse ouro vale quanto? Ou melhor, será que dá lucro? Pois esse seria o interesse da dona da rádio, fazer o Estadunidense, de cartola e paletó azul, investir em seu negócio. Segundo o próprio, tinha gostado “Pruá cuaraliou”. Que fim, não?

Sintonizar *Ouro Vivo Fm* ou muuuita paciência para cada conflito de interesse que se é notado; que poderiam ser desenvolvidos de forma mais profunda, como a própria troca da Mimososa, que não gerou grande repercussão na família.

Basicamente tudo começa com o Pai trocando a Vaca, que sustenta seu núcleo pelo rádio, mas nada termina, de propósito. Pois eu assisti somente ao primeiro ato do ensaio aberto de *A vaca virou um rádio* na 29ª FETESP, da Cia de Teatro do Conservatório de Tatuí que está sendo dirigida pelo Coletivo Cê. Fiquei sabendo que o 2º ato vem aí, é verdade? Você me chama?





TENHO EM MIM OS AMORES DO MUNDO

POR LUCAS ROSÁRIO

*bolsista estagiário de apreciação crítica,
para o espetáculo Tudo aquilo que sei sobre
o amor.*

Em determinadas situações é natural a pergunta: “você não tem sentimentos?” Obviamente sentir não é um dom humano, todo ser vivo carrega sentimentos. Talvez nossa diferença esteja no modo como lidamos com as emoções, aqui no nosso caso, com o amor. Nesse sentido, poderia-

mos pensar o amor na ótica do *Banquete de Platão* (428-348? a.C), escrito por volta de 380 a.C, ou pela de bell hooks (1952-2021) e outras pensadoras. A lista de nomes seria extensa. Mas podemos, também, compartilhar nossas próprias inquietações sobre um assunto tão filosófico. Aliás, qual assunto não é filosófico? Nesse exato momento que escrevo, olho para o carço de minha pêra. Essa cena daria *muito pano* para a filosofia.

Bem, partilhar as próprias inquietações foi o que fez o grupo Do Pátio ao Palco, essa manhã, com a plateia composta majoritariamente por adolescentes do Lar Donato Flores, de Tatuí. O grupo levou em cena a peça *Tudo aquilo que sei sobre o amor*, dirigida pelo professor Robson Marx. Antes do início da peça foi lançada a pergunta mais filosófica que poderia ser formulada aquela manhã: o que é o amor? Talvez, uma outra mais filosófica ainda fosse a do saudoso Antônio Abujamra (1932-2015) com “o que é a vida?” Se bem que amar e viver caminham de mãos dadas. Vivemos porque amamos e vice-versa, não? Eu me aventurei em dar uma resposta, depois de tantas outras definições dadas pela plateia, eu disse que “amar é deixar algo partir, sem querer prender”. Claro que não tem nada de original nessa formulação. Chega até ser piegas. Mas o que gostei mesmo foi que um adolescente disse: “isso faz sentido, porque me faz lembrar o poema Soneto de Fidelidade (1939), de Vinícius de Moraes (1913-1980)”. E então ele recitou o poema, *na íntegra*. Para não desfalecer minha cara leitora, que já se encontra enfadonha com minha escrita, colocarei apenas a última estrofe do poema, com grifo meu:

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama

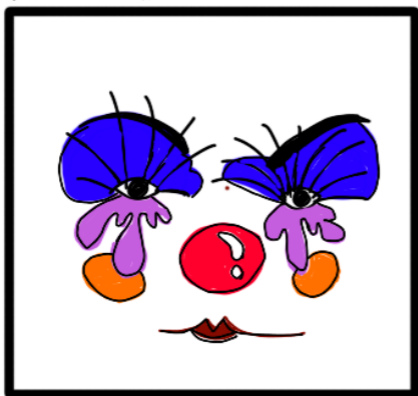
Mas que seja infinito enquanto dure.

Que seja infinito enquanto dure. Parece até metáfora para o teatro, essa arte tão efêmera. Isso. É isso. Enquanto o elenco estava em cena, fizeram juz ao infinito enquanto dure. Teve dança, trocas afetivas, abraços e, principalmente, exposição. Amar é se expor. Eu sei, caríssima leitora, estou me afundando na minha pieguice. Enfim, o grupo acertou em deixar o palco vazio, para preenchê-lo com o que realmente necessita, que são as histórias trazidas, como a da avó, a saudade do amor da avó. As palavras ditas puderam, através do palco vazio, ganhar espaço, galoparem nossos ouvidos e, posteriormente, tocar nossos sentimentos, nos trazendo lembranças de nossos próprios amores, e de desamores também, por que não? O amor não pode ser enlatado, alguém disse, salvo engano... alguém disse isso na peça... mas não pode mesmo. O amor necessita espaço, porque quando surge, ele se esparrama. A paixão, prima-irmã do amor, é vertical, já o amor é horizontal. Sei lá, pensei isso aqui a partir do que vi hoje com vocês, em *Tudo aquilo que sei sobre o amor*. Interessante o título, aliás. Já faz referência com o título famoso de bell hooks *Tudo sobre o amor* (1999) mas com o “aquilo que sei” traz um recorte, vocês falaram sobre suas próprias experiências, mas saibam que aquela semente da melancia explodida em cena irá germinar um amor que vocês plantaram em mim.





RASTEIRA

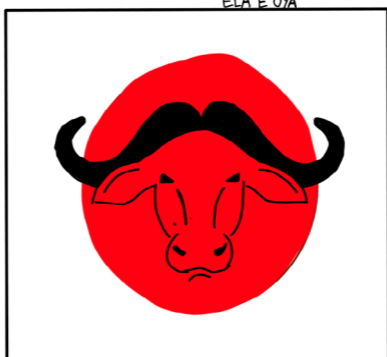


FLORES
HORIZONTAIS

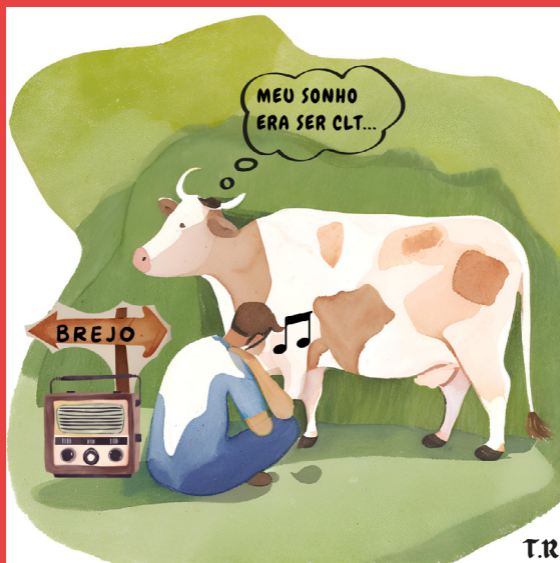
KAIÃO



ELA É OYÁ



KAIÃO



TADEU RENATO



AMOR À PROVA

POR NATALY REIS

*estudante do 2º ano de artes cênicas no
Conservatório de Tatuí*

“Qual gênero você se identifica?” A pergunta, feita pela Trupe Garagem, marcou o início de nossa conversa. Em outro contexto, poderia causar estranhamento, mas naquele ambiente acolhedor, sob a orientação de Paula Fernanda, diretora geral da companhia, soou natural. Com seu riso fácil e uma

trajetória marcada pela luta LGBTQIAPN+ e pela defesa do teatro no interior paulista, Paula Fernanda nos acolheu.

A conversa logo se concentrou na necessidade de resistência: manter-se no teatro, reivindicar direitos, garantir acesso e permanência. Os estudantes de teatro, com suas histórias de dificuldades e precariedades, também mostraram um amor profundo pela arte. Esse momento de reflexão destacou como transformar essa paixão em ações concretas.

Depois das palavras, veio a prática. A Trupe Garagem trouxe os figurinos para a sala, e a seriedade da conversa cedeu espaço ao deslumbramento. Como crianças curiosas, tocamos nos tecidos, sentimos suas texturas, cheiramos e analisamos cada detalhe. Explorar cada retalho, cada peça, foi um exercício de descoberta de formas sustentáveis e econômicas de autoprodução.

Nesse clima de entusiasmo, uma folha com a letra de uma música do espetáculo *Lisbela e o Prisioneiro*, *Teatrando por Aí* começou a circular pela sala. A música, que até então era apenas uma referência na conversa, ganhou vida. A mudança foi quase instantânea: de um olhar atento e investigativo para um ambiente de festa.

O tempo voou durante essa transição. O que começou como um momento de análise e reflexão, rapidamente se transformou em uma celebração coletiva.

Dizem que quando gostamos de algo ou de alguém, perdemos a noção do tempo. E, realmente, hoje foi a prova.

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

¡*Escrevivência gerada a partir do trabalho “Escumalhas Urbanas”, do Povo da Máscara, e do encontro com Amilton, um trabalhador da feira, numa conversa paralela à apreciação do VQV. *!



QUANDO O TEMPO PARA DE CONTAR E COMEÇA A DIZER

POR RICA DE RICARDO

*estudante da Unesp, Instituto de Artes,
São Paulo.*

A animado, curioso, interessado. Foi assim que entrei no espaço. Lugares ocupados, uma fila grande que imitava uma grande corda, podendo dizer que em sua outra ponta fomos puxados para dentro pela Companhia de Teatro do Conservatório de Tatuí, ao comando do Coletivo

Cê, no Salão Chiquinha Gonzaga, da unidade 2, na tarde de quarta-feira.

Ok! Mas vamos falar sobre cordas. Sim, cordas! Do início ao fim, um percurso, uma guia, um caminho. Confiando na condução, o espetáculo não apenas usou a função de uma corda para nos guiar, mas também nos amarrou, prendeu e deixou os espectadores atados... ao que estava começando a acontecer.

Com confiança na atmosfera que fomos introduzidos, confesso! Dei minha vaca, fiquei com o Rádio, bati o sino (blém, blém, blém)... deixamos em suas mãos.

Nesse momento, o que poderia ser descrito com cordas não era mais possível. Os atores, reagindo a estímulos da cena, simultaneamente, porosos, ouvintes e atentos, deixaram quem estava assistindo com a frequência que ecoou no espaço da livre imaginação. Foi aí que as cordas se soltaram, com uma família, um rádio e tempo. Eles só tinham um rádio e até ali nós só tínhamos eles.

A comédia física dos corpos em cena e as expressões revelavam claramente as intenções da dramaturgia. Em família, admirados, nos sentamos no chão da sala e vivemos dias com nossos entes queridos. Eles nos captaram, cativaram sem o som de uma única palavra. Mas quem somos nós nesse silêncio, se não integrantes extasiados de uma rádio-novela?

Falando em rádio, esse foi o momento em que o tempo começou sua contagem regressiva e, já integrados ao universo de A vaca virou um rádio, não queríamos que aquela viagem tivesse fim.

Com os minutos correndo contra os ouvintes, o time do humor estava em seu andamento perfeito! Aqui não fomos transportados, presos ou guia-

dos... fomos mortos. Mortos de rir com a promessa (ou ameaça): “Voltaremos amanhã com mais mortes.” Sagazes!

Não podemos dizer que chegamos a descobrir o fim da corda. A montagem nos deixou com desejo por mais. Mais invasão, crianças com cigarros, paixão por radialistas, elementos nostálgicos, contemporâneos e música! Canções que, independente de tempo ou espaço, nos sintonizaram na rádio exata que deveríamos escutar. As palavras de uma língua podem falar, mas o tempo diz muito mais.





DIÁLOGOS E DEVANEIOS: UMA MANHÃ NO FETESP



POR CESAR SANTOS

ator, integrante da Trupe Garagem & Cia. de Teatro e condutor do Projeto 3º Sinal

Manhã de quarta-feira, o sol ainda não havia afastado o frio de São Paulo quando o despertador ecoou às cinco e meia. Com uma determinação que rivalizava com a de Dom Casmurro, saltei da cama e embarquei na aventura de cruzar alguns quilômetros às seis da matina. Destino? O

FETESP – Festival de Teatro Estudantil do Estado de São Paulo.

Após um percurso ansioso I, digno de uma travessia épica pelos carros que seguravam o trânsito, cheguei dez minutos atrasado. Contudo, como em um bom drama shakespeariano, o *timing* foi perfeito: o bate-papo com a Trupe Garagem & Cia havia acabado de começar. A conversa foi uma mistura harmoniosa de reflexões profundas e comentários espontâneos, um verdadeiro banquete intelectual que nutria o espírito teatral.

Cada escola presente trazia sua bagagem única, e a troca de experiências era como um mosaico vivo, cheio de cores pintando um grande mural de Pablo Picasso com pincéis de Van Gogh. Ali, bem ali naquele tablado do CEU DAS ARTES, um espaço que já conhecera tanto suor, lágrimas, papel picado e cordões pendurados, revivi espetáculos passados. A emoção tomou conta de mim ao lembrar de cenas encenadas com poucos recursos, com uma paixão que não se encontra nas grandes produções.

A conversa fluiu para as dificuldades de fazer teatro em diferentes contextos, e elogiei a incrível Paula Fernanda. Com uma habilidade digna dos grandes mestres, ela desempenha um papel tão essencial quanto raro no nosso meio. "Precisamos de mais Paulas Fernandas no mundo", diria, se não tivéssemos que seguir com o cronograma do dia.

Discutimos os obstáculos e as delícias de estar no palco, concluindo que esses momentos de troca são, de fato, a verdadeira "merda" que fertiliza a arte teatral. A seguir, entramos em um debate acalorado sobre a estética da Trupe, onde reaproveitar materiais se mostrava uma forma de não apenas fazer arte,

mas também de cuidar do planeta.

Exploramos os figurinos, peças que eram verdadeiros testamentos de criatividade e minúcia. A riqueza nos detalhes era palpável, e permitir a todos ali que tocassem foi como estabelecer uma conexão direta com a alma dos espetáculos.

No final, todos entoamos uma das músicas do espetáculo. Foi um momento mágico, um retorno às minhas raízes teatrais. A honra de fazer parte dessa história me encheu de orgulho e uma nostalgia doce invadiu meu coração. Depois de tanto lutar por um lugar ao sol, a oportunidade de compartilhar a rica e maravilhosa trajetória da Trupe Garagem & Cia parecia um prêmio mais que justo.

Voltei para casa exausto, mas profundamente tocado. O coração, agora mais saudoso, batia em um ritmo que só quem viveu intensamente o teatro conhece. E assim, com o espírito renovado e um sorriso no rosto, me coloquei a dormir, imaginando sonhar com o próximo ato dessa peça interminável que é a vida.



CÁRCERE, MULHERES E BÚFALAS



POR VINÍCIOS PEIXOTO

*estudante dos Ateliês em Artes da Cena para
Adolescentes do Conservatório de Tatuí.*

Filho é como um órgão que está alienado com sua mãe. Quando ele está doente, ela sente, quando está com dor, nela dói também, quando se está preso ela estará também...

É preciso muito axé para vencer essa guerra!

AINDA REVERBERA

Quando um filho morre, sua mãe morre junto!

Orações para Oxalá, clamando por justiça de seus filhos...

Mães e filhos são mortos todos os dias, filhos que morrem, mães que sentem, filhos que sofrem, mães também...

É a situação de um país sem ordem e muito menos progresso, verde e amarelo, azul e branco. Brasil, cuja bandeira ainda está presa na monarquia...

Muitos acham que reis e rainhas nos libertaram, mas não é verdade! Até hoje lutamos e fugimos do ódio...

Por isso, todos os dias mães oram para que lancem proteja seus filhos nos cárceres!



BASTIDORES

POR CAMILA FONTENELE





EXPEDIENTE

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Produção editorial

João Fabbro

Coordenadora de comunicação

Luiza Lorenzetti

Arte design

Lívia da Silva

Assistente Arte design

Luiza Devasa

Revisão de textos

João Fabbro

Roberto Anzai

Tadeu Renato

Colaboradores

Ana Julia dos Santos

Cesar Santos

James Furlaneto Rocha

Kaião

Lucas Rosário

Nataly Duarte dos Reis Franceschini

Rica de Ricardo

Rafa Breves

Soraya Martins

Vinícius Peixoto

Fotógrafo

Camila Fontenele

João Maria

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustentados Organização Social de Cultura.



Lei de
Incentivo
à Cultura
L.º 8.313/91

patrocínio

VISA

rede
Itaú

Drogal

SICOOB

cipatex®

parceria



PREFEITURA DE TATUÍ

Secretaria de
ESPORTE, CULTURA,
TURISMO E LAZER

realização

#SUSTENIDOS

tatuí conservatório
de música e teatro

CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO